

Em sua deficiência ele descobriu oportunidades em vez de obstáculos

# “Um GIGANTE em MIM”

POR CHRISTOPHER COX

OS COLEGAS se aglomeravam em torno da carteira de Kian Meng (William) Tan, 7 anos, rindo, dando tapas em sua cabeça e correndo para longe de seu alcance.

“*Pai kar, pai kar*”, provocavam. Aleijado, aleijado.

William olhou em volta de sua cadeira na primeira fila, à procura de ajuda na turma do jardim-de-infância. O professor havia saído da sala. Outro tapa ardente atingiu-lhe a nuca.

De repente, William investiu contra seu algoz, agarrando-lhe o braço e mordendo-o. Os gritos do valentão ecoaram pelos corredores. William foi expulso do jardim-de-infância.

Mal-humorado e deficiente, Wil-

liam era uma preocupação para os pais, trabalhadores pobres que eram loucos pelo filho – uma criança risinha e gorducha – desde seu nascimento, em janeiro de 1957.

Entretanto, um mês antes de completar 3 anos, ele começou a ficar febril e sem energia. À noite, o menino, que adorava correr atrás das duas irmãs mais velhas, não conseguia mais ficar de pé. No hospital, os exames constataram poliomielite. “Ele não vai voltar a andar”, avisou o médico.

Desolados, os pais de William sabiam que o futuro do filho dependia de uma boa educação numa escola pública.

**Q**UANDO William voltou à Escola Primária Selegie para cursar o 1º ano, em 1965, sua mãe recomendou-lhe que se comportasse bem.

- E se eles implicarem comigo de novo, mãe? - perguntou o menino.

- Esforce-se bastante e saia-se bem nos estudos. Eles vão saber do que você é capaz.

Todas as manhãs sua irmã Lily, dez anos mais velha, ajudava William a vestir o uniforme. Depois o acompanhava à escola, carregando-o pela escada até a sala de aula. No fim do dia, enquanto esperava por ele, ela tecia redes de pesca a fim de ganhar um dinheiro extra.

Às vezes, passava com o irmão pela Raffles Institution, uma escola de elite que brilhava enfeitada e imponente como um bolo de noiva na Bras Basah Road. "Sabia que o primeiro-ministro estudou ali, William? Continue tirando boas notas e você também vai estudar nela."

Ao fim do ano letivo, William despontou como o melhor aluno do 1º ano da Selegie. No 3º ano, ele disse aos pais que pretendia entrar andando na escola. Por intermédio de um assistente social, recebeu um par de muletas. Com sacrifício, conseguiu colocar os pesados suportes de metal e afivelar as correias de couro em torno dos joelhos.



William (no colo da mãe) com a família.

Depois que um táxi deixou William e a irmã no portão da escola, ele cambaleou em direção ao prédio. Ao pé da escada que levava à entrada principal, ele entregou uma das muletas a Lily.

Com o braço esquerdo agarrado ao corrimão e o direito segurando a outra muleta, elevou-se num pulo ao primeiro degrau, em câmara lenta. Em seguida, repetiu o árduo processo uma dúzia de vezes.

Mas, quando os colegas saíam para o recreio ou para a aula de música,

William era deixado para trás. Sentia-se um prisioneiro, ouvindo os sons alegres que vinham pelas janelas.

Após concluir o 6º ano, classificou-se bem o bastante na prova nacional para obter uma vaga na Raffles Institution.

Lá, William se destacou em diversas matérias, especialmente em ciências. No entanto, para chegar ao laboratório, sua mãe, que desde o casamento de Lily o levava à escola, tinha de carregar o filho adolescente por vários lances de escada.

Shirley Lim, uma jovem professora de inglês, notou o menino franzino e tímido que se arrastava pelos corredores frios e movimentados da escola. "Não deixe que sua mãe o traga, William", disse Shirley. "Você pode vir sozinho."

Então, como fazia em Selegie, William passou a suspender-se pelas largas escadas. Quando demorava muito e o sinal estava prestes a tocar, dois colegas uniam os braços e o içavam.

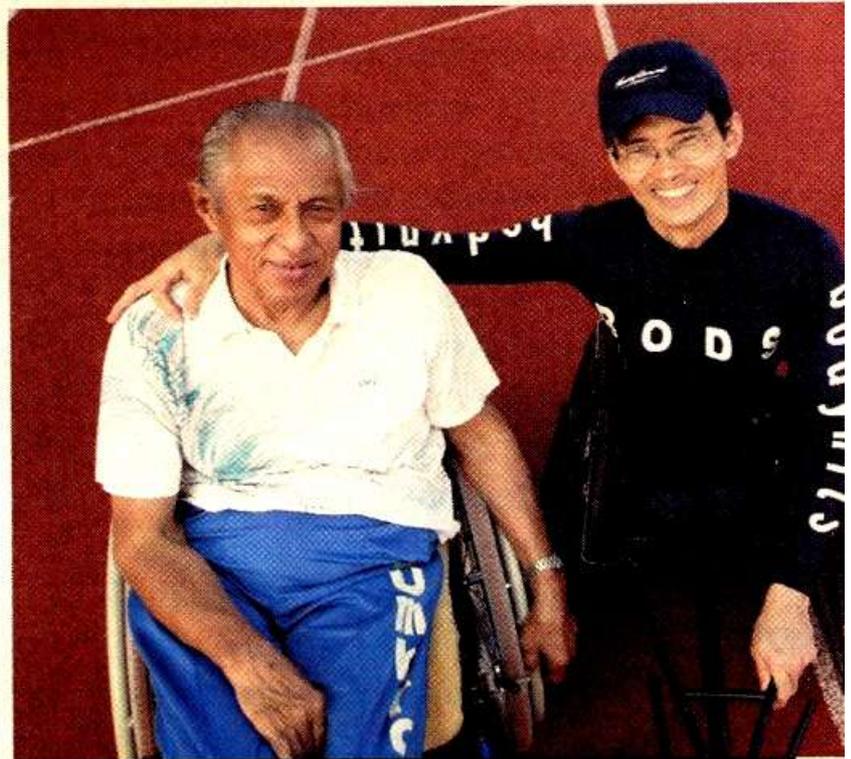
Mas, apesar dos novos amigos e da crescente independência, havia limitações e sua deficiência ainda o constrangia. Nos seus dois últimos anos, as turmas só de meninos na Raffles tornaram-se mistas. Enquanto outros garotos iam a festas, ele ficava em casa.

Em 1973, William leu no *Strait Times* a respeito de um policial paralítico de Cingapura, Abdul Wahid Baba, que treinava atletas deficien-

tes. Ali estava a chance de experimentar uma cadeira de rodas que ele não tinha como pagar e de praticar esportes.

Na tarde do sábado seguinte, ele pegou um táxi para o Farrer Park e foi andando até a pista para falar com Baba, que perdera o movimento das pernas ao ser ferido num tiroteio com rebeldes comunistas em 1950. Baba fez um gesto em direção a uma cadeira de rodas vazia.

William sentou-se no aparelho es-



William e seu mentor, Abdul Wahid Baba.

tranho e pesado. O assento e as rodas pareciam grandes para sua estrutura franzina. Ele ajeitou as pernas, apoiando os sapatos nos suportes para os pés, e agarrou os pneus de borracha. Dúvidas inundaram seus pensamentos. *Será que sairia da pista? Viraria com cadeira e tudo?*

Ele suspirou e empurrou as rodas devagar. A cadeira rolou alguns me-

tros para a frente. William aumentou o impulso. Contornando a primeira curva, ele começou a deslizar pela pista, passando pela última curva e entrando na reta de chegada. Os pneus quentes cantavam ao novo ritmo confiante de William. Seus braços e ombros queimavam pelo esforço, mas o ar parado da tarde havia se transformado num vento perfumado, soprando contra seu rosto radiante.

William cruzou a linha de chegada, passou por Baba e continuou. Algumas voltas depois, quando finalmente parou, Baba se aproximou.

“Vou organizar um treinamento para você”, disse ele. William sorriu. Encontraria Baba às terças e quintas-feiras e aos sábados.

Baba levava William para casa após os treinos em seu carro especialmente equipado. Pelo caminho, aconselhava o adolescente em relação aos estudos e também à nutrição.

*Baba parecia fazer tudo, pensava William. Tinha mulher e família, trabalhava na Sociedade Cooperativa da Polícia de Cingapura e continuava a ser um desportista entusiasmado.*

*Também posso levar uma vida normal, pensou William. Minha deficiência não é um obstáculo.*

**S**OB A TUTELA de Baba, William transformou-se num atleta de elite. Em 1980, foi o primeiro atleta cadeirante a completar a Maratona de Cingapura. Desde então, levantou cerca de 7,5 milhões de dólares para fins beneficentes em todo o mundo, em várias provas de longa distância, entre as quais uma viagem de Cingapura à Tailândia e as maratonas de Londres e de Boston.

Depois da Raffles, estudou ciências naturais na Universidade Nacional de Cingapura e obteve diplomas em ciências médicas na Austrália, na Nova Zelândia e em Harvard.

WILLIAM DIZ que, se não fosse por sua deficiência, talvez não tivesse tido motivação para se tornar um cientista médico e fazer uma diferença no mundo. “Existe um gigante dentro de mim, dentro de cada um de nós. Posso escolher: afogá-lo em lágrimas de pesar por minha deficiência ou libertá-lo e maximizar meu potencial.”

Hoje, William Tan é neurocientista da Universidade de Pesquisa em Liderança de Cingapura. Completou a Maratona de Boston e está treinando para a de Atenas.

## GERAÇÃO TELEVISÃO

Meu filho de 5 anos estava usando o forno de microondas pela primeira vez. Depois de colocar um bolinho no forno, perguntou:

– Mamãe, tem de ficar em que canal?

NATHALIE CHAMPAGNE, Canadá

